



Artigo

Entre mitos e veredas: um mergulho nas tramas do imaginário popular e nas lendas urbanas do Paraná - o caso da “Curva da Noiva”

João Paulo Pacheco Rodrigues, *Universidade Federal do Acre* ✉  

Palavras-chave: imaginário popular; memória; história do Paraná.	Resumo. Este artigo tem como objetivo analisar a lenda da Curva da Noiva, localizada em Ivatuba-PR, sob a perspectiva da memória coletiva e do imaginário popular, compreendendo o seu papel na construção da identidade cultural local. Partindo da hipótese de que as narrativas míticas não são apenas relatos sobrenaturais, mas expressões simbólicas de valores, medos e dinâmicas sociais, o estudo investiga como essa lenda se consolidou e se mantém viva na comunidade. A fundamentação teórica baseia-se nos conceitos de memória coletiva, de Maurice Halbwachs (1990), e de imaginário coletivo, de Gilbert Durand (2001), para explicar a transmissão e a resignificação da lenda ao longo do tempo. Além disso, são utilizados os estudos de Roger Chartier (2002) sobre representações culturais e de Ed Carlos da Silva (2009) sobre o papel dos meios de comunicação na perpetuação de crenças populares. A metodologia adotada combina pesquisa documental, com levantamento de fontes escritas e audiovisuais sobre a lenda, e história oral, por meio de entrevistas realizadas com moradores de Ivatuba. Esse cruzamento de fontes permite compreender como diferentes gerações interpretam e reproduzem a narrativa, reforçando sua presença no imaginário local.
Keywords: popular imaginary; memory; history of Paraná.	[EN] Between myths and tracks: a dive into the plots of the popular imaginary and the urban legends of Paraná - the case of the “Bride’s Turn” Abstract. This article aims to analyze the legend of Curva da Noiva (Bride’s Turn), located in Ivatuba - Paraná, Brazil - from the perspective of collective memory and the popular imaginary, understanding its role in the construction of local cultural identity. Based on the hypothesis that mythical narratives are not merely supernatural accounts but symbolic expressions of values, fears, and social dynamics, the study investigates how this legend became established and remains alive within the community. The theoretical framework is based on the concepts of collective memory, by Maurice Halbwachs (1990), and collective imaginary, by Gilbert Durand (2001), to explain the transmission and reinterpretation of the legend over time. Additionally, the studies of Roger Chartier (2002) on cultural representations and Ed Carlos da Silva (2009) on the role of media in perpetuating popular beliefs are used. The methodology combines documentary research, including the collection of

	written and audiovisual sources about the legend, and oral history, through interviews conducted with residents of Ivatuba. This cross-referencing of sources allows for an understanding of how different generations interpret and reproduce the narrative, reinforcing its presence in the local imaginary.
Palabras clave imaginario popular; memoria; historia del estado de Paraná.	<p>[ES] Entre mitos y caminos: una inmersión en las tramas del imaginario popular y las leyendas urbanas de estado de Paraná – el caso de la “Curva de la Novia”</p> <p>Resumen. Este artículo tiene como objetivo analizar la leyenda de la Curva de la Novia, ubicada en Ivatuba-PR, desde la perspectiva de la memoria colectiva y del imaginario popular, comprendiendo su papel en la construcción de la identidad cultural local. Partiendo de la hipótesis de que las narrativas míticas no son meros relatos sobrenaturales, sino expresiones simbólicas de valores, miedos y dinámicas sociales. El estudio investiga cómo esta leyenda se consolidó y se mantiene viva en la comunidad. La fundamentación teórica se basa en los conceptos de memoria colectiva, de Maurice Halbwachs (1990), y de imaginario colectivo, de Gilbert Durand (2001), para explicar la transmisión y resignificación de la leyenda a lo largo del tiempo. Además, se emplean los estudios de Roger Chartier (2002) sobre representaciones culturales y de Ed Carlos da Silva (2009) sobre el papel de los medios de comunicación en la perpetuación de creencias populares. La metodología adoptada combina investigación documental, con el levantamiento de fuentes escritas y audiovisuales sobre la leyenda, e historia oral, a través de entrevistas realizadas con habitantes de Ivatuba. Este cruce de fuentes permite comprender cómo diferentes generaciones interpretan y reproducen la narrativa, reforzando su presencia en el imaginario local.</p>

Introdução

Na cidade de Ivatuba¹, Paraná, uma curva na estrada que liga o município a Doutor Camargo tornou-se cenário de uma das mais conhecidas lendas urbanas da região: a Curva da Noiva. Segundo relatos locais, o local foi palco de uma tragédia envolvendo uma mulher em seu dia de casamento. Durante o cortejo nupcial, a jovem vestida de branco teve o seu véu preso na roda

¹ Ivatuba é um município localizado no estado do Paraná, na região Sul do Brasil. Situado no noroeste paranaense, faz parte da microrregião de Floraí e está a, aproximadamente, 50 km de Maringá. A cidade foi oficialmente fundada em 18 de novembro de 1961, após ser desmembrada do município de Maringá pela Lei Estadual nº 4245, de 25 de julho de 1960. A sua formação histórica está diretamente ligada ao processo de colonização do norte do Paraná, impulsionado pela expansão da cafeicultura e pelos fluxos migratórios que marcaram a ocupação dessa região no século XX. Com uma população pequena e características rurais, Ivatuba preserva em seu cotidiano fortes elementos da cultura paranaense, incluindo crenças e lendas populares que integram a identidade local (Rodrigues, 2020).

do trator que a transportava, sendo puxada violentamente e morrendo no local. Desde então, motoristas e moradores afirmam ter visto uma mulher vestida de noiva à beira da estrada, pedindo carona ou, simplesmente, observando os viajantes. Com o tempo, a narrativa se consolidou no imaginário popular, ganhando diferentes versões². Algumas sugerem que o espírito dela ainda busca chegar ao seu casamento, enquanto outras a associam a um mau presságio, vinculando a sua aparição a acidentes frequentes na região.

Como ocorre com muitas lendas urbanas, a Curva da Noiva perpetua-se por meio da tradição oral, sendo contada e recontada por diferentes gerações. O seu impacto transcende a oralidade, sendo reforçado por mídias contemporâneas, como documentários, postagens em redes sociais e produções audiovisuais que ampliam a sua difusão para além da comunidade local. Para alguns, trata-se apenas de uma superstição; para outros, a crença na aparição da donzela é reforçada pelos relatos que circulam há décadas. Dessa forma, a lenda não se limita a um espaço físico, mas se transforma em um território simbólico, onde memória, medo e cultura entrelaçam-se, compondo um fragmento essencial do patrimônio imaterial da região.

A memória coletiva, conforme teorizada por Maurice Halbwachs (1990), não é um simples repositório de lembranças individuais, mas um fenômeno social dinâmico, que se adapta e se transforma ao longo do tempo. A lenda da Curva da Noiva, nesse sentido, vai além do relato de um acidente trágico, pois se insere em um processo contínuo de ressignificação dentro da comunidade. A oralidade, elemento central nesse processo, garante que a narrativa seja preservada, mas também reconfigurada de acordo com o contexto social e as experiências daqueles que a transmitem. Ed Carlos da Silva (2009) ressalta que os meios de comunicação modernos, como a internet e a telefonia,

² Este artigo é parte do resultado do projeto de pesquisa “História Cultural e Fontes Contemporâneas: Metodologias Críticas e Representações Sociais,” desenvolvido pelo professor Dr. João Paulo Pacheco Rodrigues, Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa Patrimônio Histórico e Cultural entre Fronteiras e Disputas: América Latina, Pan-Amazônia, Educação e Povos Indígenas e Não Indígenas (PAHFI – Apeini) na Universidade Federal do Acre.

ampliaram o alcance dessas crenças, conferindo maior solidez às histórias e reforçando a sua permanência no imaginário popular.

Além da oralidade, a presença da religiosidade na cultura local, também, influencia a forma como essas histórias se estruturam. A forte influência do catolicismo na região contribuiu para a consolidação de um imaginário que, frequentemente, contrapõe o divino ao sobrenatural, reforçando o caráter místico das lendas. A crença na luta entre o bem e o mal, amplificada pela retórica clerical desde os anos 1940, fortaleceu a ideia de que certas aparições podem ser interpretadas como sinais ou provas espirituais. Esse processo de apropriação religiosa dos mitos não é novo, como aponta Roger Chartier (2002), ao destacar que as representações culturais são moldadas por contextos sociais e religiosos, funcionando como construções que expressam valores, crenças e ansiedades coletivas.

O imaginário coletivo, segundo Gilbert Durand (2001), opera por meio de arquétipos simbólicos, que estruturam a forma como as sociedades interpretam e transmitem as suas narrativas. No caso das lendas, figuras como a noiva espectral remetem a símbolos universais ligados à morte, ao destino interrompido e à persistência do sobrenatural no mundo dos vivos. A lenda insere-se em um repertório de narrativas que reforçam o fascínio e o temor pelo desconhecido, funcionando como um meio pelo qual as sociedades lidam com o inexplicável e conferem sentido ao seu entorno.

Diante desse contexto, este artigo busca analisar a lenda da Curva da Noiva sob a perspectiva da memória coletiva e do imaginário popular, compreendendo o seu papel na constituição da identidade cultural de Ivatuba e a sua ressignificação ao longo do tempo. Para isso, investiga-se a relação entre oralidade e crença, considerando a influência das tradições religiosas, das práticas sociais e dos meios de comunicação na disseminação desse mito. Além disso, discute-se como essa narrativa dialoga com outras lendas do Paraná e se insere em um contexto mais amplo de crenças populares. Dessa forma, busca-se demonstrar que as lendas, longe de serem apenas relatos sobrenaturais, são

expressões simbólicas da forma como as sociedades estruturam sua relação com o passado, o medo e o desconhecido.

O sobrenatural na cultura paranaense: memória, imaginário coletivo e lendas populares

A relação entre memória e imaginário coletivo é um dos eixos centrais para a compreensão das narrativas populares e da permanência de determinados relatos dentro de um grupo social. Maurice Halbwachs (1990) e Gilbert Durand (2001) oferecem abordagens complementares para entender como as sociedades constroem e transmitem as suas histórias, consolidando símbolos, mitos e lendas no imaginário cultural. Se a memória coletiva é responsável por selecionar, organizar e perpetuar determinados eventos do passado, o imaginário coletivo fornece o repertório simbólico por meio do qual esses eventos são ressignificados, adquirindo novos sentidos ao longo do tempo. A lenda da “Curva da Noiva”, presente na cidade de Ivatuba-PR, exemplifica essa interseção, revelando como a memória social e o imaginário popular atuam, conjuntamente, na construção da identidade cultural local.

Para Halbwachs (1990), a memória coletiva não é uma simples reconstituição de fatos históricos, mas um fenômeno social moldado pelos grupos que a preservam. Essa memória ancora-se em espaços, objetos e práticas simbólicas que garantem a sua continuidade. No caso da lenda do artigo em questão, o local no qual a aparição, supostamente, ocorre funciona como um marcador material dessa memória, reforçando sua presença no imaginário popular. Ao longo das gerações, os relatos sobre a noiva espectral são transmitidos e reelaborados, garantindo que a narrativa permaneça viva e significativa para a comunidade. De acordo com o autor:

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias (Halbwachs, 1990, p. 25).

A memória coletiva, conforme discutida por Halbwachs (1990), fundamenta-se não apenas na recordação individual, mas na construção compartilhada das lembranças, que ganham maiores credibilidade e permanência quando sustentadas por múltiplos sujeitos. Esse princípio dialoga, diretamente, com a abordagem de Gilbert Durand (2001) sobre o imaginário coletivo, que se estrutura a partir de símbolos e mitos organizados socialmente. Se a memória é um processo coletivo de evocação e validação das experiências, o imaginário reforça essa dinâmica ao conferir sentido às narrativas que transcendem a individualidade, como no caso das figuras míticas que persistem no repertório simbólico das sociedades. A figura da prometida que retorna à estrada após uma morte trágica exemplifica esse entrelaçamento entre memória e imaginário, pois articula arquétipos universais da relação entre vida e morte, ecoando em diferentes culturas e reafirmando a continuidade do passado no presente.

Gilbert Durand (2001) enfatiza o papel do imaginário coletivo como um sistema estruturado de símbolos e mitos, que orientam a percepção do mundo. Segundo o autor, as sociedades constroem narrativas que articulam elementos do fantástico e do sobrenatural para explicar o desconhecido e lidar com questões existenciais. A figura da prometida que retorna à estrada após uma morte trágica remete a arquétipos presentes em diversas culturas, representando a relação entre vida e morte, destino interrompido, e a permanência do passado no presente. Esses arquétipos inscrevem-se na memória coletiva e são reforçados pelo imaginário, tornando-se referências duradouras no repertório simbólico da comunidade.

A interseção entre esses dois conceitos torna-se evidente quando analisamos o impacto social da lenda. A memória coletiva, ao selecionar quais eventos do passado devem ser preservados, utiliza os recursos do imaginário para torná-los compreensíveis e significativos. O relato da “Curva da Noiva” não se sustenta somente por sua base factual, mas pela maneira como se insere em um contexto simbólico maior, no qual o medo do desconhecido, a religiosidade

e as crenças populares são mobilizadas para dar sentido à experiência coletiva. Essa narrativa não apenas reforça a identidade cultural local, mas funciona, ainda, como um mecanismo de coesão social, conectando diferentes gerações por meio de um relato comum.

Outro aspecto relevante dessa interseção é a maneira como o imaginário popular reconfigura-se a partir da memória. Halbwachs (1990) destaca que a memória coletiva está sempre em movimento, sendo atualizada conforme os interesses e os valores do presente. Nesse sentido, a lenda da “Curva da Noiva” pode ter sofrido modificações ao longo do tempo, incorporando novos elementos ou adaptações que dialogam com o contexto contemporâneo. A digitalização da cultura, por exemplo, permite que essa narrativa circule por diferentes meios, expandindo o seu alcance e inserindo-a em novas formas de compartilhamento da memória, como vídeos e fóruns na internet.

A relação entre memória e imaginário também se manifesta na forma como os grupos sociais legitimam as suas crenças. Durand (2001) argumenta que o imaginário coletivo opera por meio da repetição e da ritualização de símbolos, reforçando a sua validade dentro de um grupo. No caso das lendas populares, essa legitimação ocorre por meio de testemunhos, relatos orais e, até mesmo, eventos comunitários que reforçam a existência da narrativa. As histórias sobre aparições na estrada, acidentes inexplicáveis e encontros com tal figura não apenas alimentam o medo e a curiosidade, mas conferem materialidade ao mito, transformando-o em parte da experiência vivida da comunidade.

Outro ponto que conecta a memória coletiva ao imaginário é o papel dos espaços na consolidação das narrativas. Halbwachs (1990) destaca que a memória não existe de maneira abstrata, mas se ancora em locais específicos, os quais funcionam como gatilhos para a recordação. No caso da “Curva da Noiva”, o próprio traçado da estrada e os acidentes que ali ocorrem servem como elementos reforçadores da narrativa, mantendo-a ativa na memória dos habitantes. Esse espaço físico não apenas preserva a memória, mas se transforma em um território simbólico, onde a lenda se materializa e se renova continuamente.

Além disso, a persistência da lenda evidencia como o imaginário e a memória atuam na construção da identidade coletiva. Ao compartilhar essa narrativa, os habitantes de Ivatuba reafirmam a sua conexão com o passado e com o território que ocupam. O medo e o respeito associados à essa lenda criam um senso de pertencimento, pois aqueles que conhecem a história se sentem parte de um grupo que compartilha a mesma tradição. Dessa forma, o imaginário e a memória coletiva não só preservam o relato, mas, igualmente, contribuem para a coesão social e para a transmissão de valores culturais ao longo das gerações.

A história da “Curva da Noiva” exemplifica como a memória e o imaginário coletivo são processos dinâmicos, que se influenciam mutuamente e garantem a permanência de narrativas dentro de um grupo. Enquanto a memória coletiva seleciona e organiza os eventos dignos de serem lembrados, o imaginário coletivo fornece os símbolos e os arquétipos necessários para interpretar esses eventos e torná-los, culturalmente, relevantes. As narrativas de caráter sobrenatural não apenas revelam a forma como as sociedades interpretam o desconhecido, mas evidenciam a maneira como crenças e medos coletivos são moldados ao longo do tempo.

No Paraná, as lendas e os mitos populares emergem como manifestações simbólicas que estruturam a relação dos indivíduos com o seu entorno, promovendo a disseminação de perspectivas místicas e conferindo significados às experiências humanas diante do inexplicável. Essas histórias, muitas vezes, são construídas em torno de elementos de forte apelo emocional, como tragédias, aparições e presságios, e acabam se consolidando na memória coletiva por meio da oralidade e da tradição. Mais do que simples relatos de assombração, essas crenças integram uma complexa rede de representações sociais que se enraíza na cultura local e se perpetua por meio de diferentes suportes, incluindo a religiosidade e os meios de comunicação. Dentro desse contexto, o estudo de caso analisado é um exemplo significativo, pois sintetiza as tensões entre memória, identidade e imaginário, reforçando como o sobrenatural

se entrelaça com o cotidiano e se torna um elemento estruturante das experiências culturais dos habitantes de Ivatuba.

As crenças intrínsecas ao estado são entrelaçadas com os sentimentos que orientam a interação humana com eventos de caráter enigmático e inexplicável. Consideradas manifestações do sobrenatural, essas narrativas se solidificam a partir do temor e da incerteza que permeiam tanto aqueles diretamente afetados quanto aqueles que compartilham e recebem essas histórias.

Essas narrativas fomentam a disseminação de perspectivas místicas, conferindo solidez à interpretação dos significados construídos pelos indivíduos que habitam essa região, e ao entendimento das diversas formas com que percebem e interagem com o mundo que os cerca. Os relatos dos residentes de Ivatuba expressam uma mistura de encantamento e ansiedade, características intrínsecas a todos que acreditam ou veneram aquilo que reconhecem como parte do universo fascinante e fantástico paranaense.

Ed Carlos da Silva (2009) ressalta que meios de comunicação, como internet, telefonia móvel e fixa, contribuíram para a consolidação da arquitetura dessas crenças, particularmente aquelas de caráter coletivo. O historiador destaca alguns pilares cruciais nesse processo: a elaboração de uma trama simplificada, a definição espacial nas histórias contadas, a presença de personagens identificáveis ou enigmáticos, além da dimensão religiosa, que inerentemente permeia todos esses relatos.

Nesse contexto, a vivência religiosa dos habitantes paranaenses pode ser vista como um elemento antecedente crucial na evolução histórica desses mitos. A dualidade entre os poderes divinos e satânicos, que se popularizou entre os católicos, alcançou a região ainda em seu nascedouro, aproximadamente no final da década de 1940 e início da década seguinte. Amplificado pela retórica clerical e pelos contos encapsulados em textos bíblicos, esse confronto incute nos cidadãos do Paraná uma firme crença na luta entre as forças do “bem” e do “mal”. No reino do fantástico, isso se manifesta como uma ligação misteriosa, porém percebida como natural dentro de suas convicções espirituais.

São recorrentes entre os moradores as lendas envolvendo entidades fantásticas, que, frequentemente, permeavam conversas em agrupamentos sociais, missas, cultos e novenas católicas durante os primeiros estágios de colonização da região. O diálogo a respeito desses episódios servia para propagar e fortalecer a convicção nutrida pelas pessoas acerca da autenticidade dos relatos compartilhados. Conforme indicado na literatura acadêmica, a notoriedade da interação entre seres humanos e entidades sobrenaturais foi, habilmente, explorada por figuras religiosas.

Silva (2009), em sua análise, argumenta que um número considerável de clérigos discerniu uma oportunidade inusitada de capitalizar acerca dos temores que permeavam os cristãos, utilizando-os em favor da causa a que se dedicavam no seio da comunidade eclesiástica. Esse discernimento, embora possa parecer oportunista, aponta para uma complexa rede de influências e poderes que perpassavam a esfera religiosa e a sua interação com a coletividade.

Em contrapartida, Priore (2000) enfatiza que esta não era uma estratégia recente ou improvisada pelos líderes religiosos da época. A autora nos remete à prática comum entre os clérigos católicos, evidenciando que Santo Agostinho, em seus textos e pregações, exemplifica esse comportamento com as suas reflexões teológicas não apenas reconhecendo, mas, também, integrando esses mitos e temores ao discurso religioso.

Agostinho vê-se imerso na tarefa de negociar com as narrativas assombrosas e as maravilhas da criação, buscando, assim, um equilíbrio entre a confirmação das escrituras sagradas e os relatos sobre entidades e ocorrências sobrenaturais, previamente, afirmadas por escritores latinos. Esse intercâmbio entre a teologia cristã e os mitos populares acaba por se enraizar em uma prática em que o fascínio pelo maravilhoso e o terror do inexplicável tornam-se veículos para a difusão de mensagens religiosas e a consolidação do poder eclesiástico.

Como elucidado pela autora, a mera sombra da incerteza acerca do sobrenatural já se mostrava suficiente para incutir nos fiéis um respeito circunspecto pelos dogmas divinos, assim as criaturas monstruosas seriam concebidas como frutos desconcertantes tanto da natureza quanto da divindade.

Ao demarcar a fé em um patamar específico de realidade, Agostinho pavimentava um caminho para uma admiração genuína perante as maravilhas insondáveis da Criação Divina. O teólogo, dessa forma, localizava o monstro dentro de um contexto terrestre, embora orquestrasse narrativas que os envolvessem temor e encantamento

Ao adentrarmos essa via de análise, percebemos, de maneira elucidativa, como, no processo de fixação de crenças e na tentativa de legitimá-las, diversos artifícios, que foram habilmente forjados ao longo do tempo, são frequentemente mobilizados, cuja essência estratégica mira precisamente na sua institucionalização.

Essa institucionalização desdobra-se, predominantemente, por meio de discursos, nos quais a objetividade da fala, notoriamente marcada e solidificada, alia-se, de maneira quase indissociável, às expressões gestuais – elemento fundamental para conferir materialidade e, por conseguinte, uma camada de “veracidade” aos eventos que são narrados e que, eventualmente, são incorporados à memória coletiva.

Ao explorar esse mecanismo, podemos, ainda, compreender como a narrativa, construída com elementos visuais e comportamentais, serve não somente como veículo para a transmissão de crenças e valores, mas como instrumento na construção e reforço de uma realidade coletivamente aceita e perpetuada. A forma com que a objetividade é enunciada nos discursos, somada à sincronia com a comunicação não-verbal, instaura um cenário em que o ouvinte é, de certa forma, envolvido e submerso na experiência narrativa, concedendo um grau tangível de autenticidade às histórias e mitos compartilhados, os quais, eventualmente, passam a compor o mosaico complexo e multifacetado da memória e da identidade coletivas. Silva expõe:

O desenvolvimento das crenças contribuiu para a consolidação de um universo mágico. Sua razão consiste em um legado valioso para a preservação da memória coletiva. O diálogo sobre fenômenos sobre-humanos, operado pelos moradores a respeito dos eventos ocorridos, sobrevive efetivamente nas práticas da comunidade, perpetuado nas representações dos primeiros

moradores e, agora, nas representações dos jovens (Silva, 2009, p. 25).

As lendas que permeiam o imaginário do estado do Paraná, embora intrinsecamente ligadas à sua rica história e cultura, encontram um terreno peculiarmente fértil entre os cidadãos que as acolhem, não só com uma seriedade impassível, mas com certa devoção, oriunda de uma crença sincera e, frequentemente, profunda.

Desse modo, dissemina-se uma série de práticas cuja influência transcende os contornos do mero relato, afetando, diretamente, a maneira como os habitantes coabitam e se relacionam com o espectro do fantástico que essas lendas insinuem. Talvez, a prática mais saliente, nesse contexto, seja a do processo de apropriação dos significados intrínsecos a essas lendas pelas sucessivas gerações, que, por meio delas, tecem uma continuidade narrativa e cultural. Esse processo não apenas é justificável, mas quase uma consequência natural, considerando-se que as crenças, nessa conjuntura, são intrínsecas a um conglomerado de elementos, que, por sua vez, estão imbricados no cotidiano dos munícipes, exercendo influência sobre indivíduos de todas as idades e contextos sociais.

Dentro dessa dinâmica, as crenças paranaenses encontram os elementos vitais que proporcionam subsídios para a sua prosperidade e perpetuação no imaginário popular. A fim de compreender esse conjunto de crenças e discernir de que modo atuou como colaborador vital para o desenvolvimento das percepções, que, por fim, estruturaram o universo simbólico e cultural dos habitantes, torna-se imperativo, aqui, reacender uma reflexão acerca das representações coletivas, especialmente à luz da maneira como os membros da comunidade se imiscuem e, por fim, tornam-se elementos integrantes e perpetuadores de tais narrativas e lendas.

De tal modo, as representações desses temas fascinantes apresentam aspectos que são peculiares a esse meio. Em *A história cultural: entre práticas e representações*, o historiador Roger Chartier (2002) pontua o conceito de representação como a maneira como o indivíduo ou uma comunidade podem se

apropriar de uma determinada prática cultural e dessa prática emergirem novas práticas culturais. Por conseguinte, a representação é vista como o “[...] relacionamento de uma imagem presente e de um objeto ausente” (Chartier, 2002, p. 21). Segundo Chartier:

Em determinada época, o cruzamento de diferentes suportes (linguísticos, conceituais, afetivos) comanda modos de pensar e de sentir [...], por exemplo, sobre os limites entre o possível e o impossível ou sobre as fronteiras entre o natural e o sobrenatural (Chartier, 2002, p. 31).

Para Chartier, as representações coletivas podem ser consideradas um conjunto de bases responsáveis pela sustentação das práticas culturais que edificam o próprio mundo social: “Mesmo as representações coletivas mais elevadas não têm existência, não são realmente tais senão na medida em que comandam atos” (Chartier, 2002, p. 11).

De acordo com Silva (2009), as crenças compartilhadas, por parte dos moradores de uma determinada região, refletem a maneira como se veem e se entendem como comunidade, mostrando não apenas como pensam sobre si mesmos, e aceitam suas próprias narrativas, mas como essas crenças foram formadas ao longo da história. Os moradores visualizam o sobrenatural de uma maneira muito própria, sem se aterem a explicações científicas, sendo as suas convicções moldadas pelas instituições e práticas do lugar onde vivem.

Quando uma comunidade adota, mesmo inconscientemente, uma prática cultural, ela é analisada, interpretada e reinventada de acordo com o seu contexto, tornando-se parte do dia a dia e compartilhada entre indivíduos com interesses similares. As narrativas sobre lendas populares do Paraná revelam uma série de mitos, imbuídos desde a fundação da cidade com vários elementos místicos, que visam, principalmente, difundir o medo, especialmente o medo do desconhecido.

Divindades, entidades demoníacas e criaturas de caráter maravilhoso habitam um extenso repertório de elementos, os quais estão fortemente enraizados, sobretudo, na cultura religiosa vinculada ao catolicismo popular,

sendo absorvidos e, de certa forma, “regionalizados” pela coletividade local. Roy Willis (2007) sugere que tais entidades sobrenaturais emergem como representações das mais profundas apreensões humanas, tomando forma em variados entes como dragões, monstros, gigantes e criaturas de aspecto semi-humano. Um exemplar dessa categoria é a Pisadeira, figura lendária que permeia o imaginário popular, particularmente em regiões do interior de São Paulo e Minas Gerais.

Navegando pela literatura que explora o universo do fantástico, é perceptível que o medo se entrelaça de maneira habitual nas tramas, servindo, frequentemente, e como um expediente narrativo que se destina a capturar a atenção dos leitores. Priore (2000) articula esse sentimento como um mecanismo que não apenas aguça a curiosidade de quem se apropria da história, mas reverbera, significativamente, por meio das distintas estratificações sociais.

O medo, enquanto sentimento e temática, propaga-se e se insere nos imaginários, dialogando e, por vezes, (re)configurando crenças e práticas socioculturais das comunidades que com ele interagem. O fascínio e o temor frente ao inexplicável e ao sobrenatural continuam, dessa forma, alimentando narrativas, sendo reconstruídos e recontextualizados nas diversas instâncias de interação social e cultural.

Ao persistir na análise, percebemos que esses entrelaçamentos entre divindades e seres sobrenaturais com o cotidiano das comunidades não se limitam a meras histórias contadas de geração para geração, mas transcendem, insinuando-se em práticas, rituais e mesmo na constituição de valores e moralidades compartilhadas. Esses elementos, ricos e multifacetados, ao serem imbricados nas tradições locais, não somente persistem pela ação da memória coletiva, mas funcionam como agentes que, de alguma forma, modelam, refletem e influenciam a percepção de mundo dos indivíduos inseridos nesse contexto.

É importante reconhecer o quão, profundamente, tais lendas e mitos, regados e alimentados por sentimentos de temor e admiração, podem infiltrar-se nas mais diversas esferas da vida comunitária, muitas vezes desempenhando papéis complexos e multifuncionais, desde a consolidação de identidades

coletivas até a construção e a manutenção de normativas sociais e culturais. Em Ivatuba, a lenda da "Curva da Noiva" não se restringe à tradição oral, pois influencia, diretamente, o modo como os moradores percebem o espaço e interagem com ele. Motoristas e caminhoneiros evitam trafegar pelo local durante a noite, especialmente quando há neblina, pois associam a curva não apenas a um ponto de risco físico, mas a um lugar carregado de energia sobrenatural. O receio é reforçado por relatos de luzes estranhas, sombras à beira da estrada e, em alguns casos, a aparição de uma figura feminina vestida de branco. Esses testemunhos circulam, amplamente, na comunidade, alimentando o imaginário popular e reforçando a permanência da lenda no cotidiano local.

Além disso, a narrativa da donzela espectral manifesta-se nas instituições de ensino da cidade, sendo incorporada em apresentações de Halloween, em que alunos dramatizam a sua história em peças teatrais e atividades culturais. Essas encenações não apenas contribuem para a disseminação da lenda entre as novas gerações, pois demonstram como o mito se tornou parte do repertório simbólico da comunidade. Durante eventos escolares, rodas de conversa e feiras culturais, professores e estudantes recontam a lenda sob diferentes perspectivas, conectando-a a temas como tradição oral, cultura regional e folclore brasileiro.

No dia a dia, a lenda também influencia a dinâmica social dos moradores. Jovens costumam visitar a curva à noite como um teste de coragem ou como parte de rituais de iniciação social, reforçando a presença da lenda na construção da identidade coletiva. Paralelamente, os mais velhos alertam sobre os perigos de desafiar o sobrenatural, evidenciando como as crenças populares moldam normas de comportamento dentro do grupo social. Em algumas famílias, a história é usada até mesmo como forma de educar crianças sobre a prudência ao se transitar por entre estradas desertas à noite, mesclando superstição e senso de precaução.

No ambiente vivencial das pessoas, esses mitos, que tanto encantam quanto apavoram, permeiam as interações sociais e, intrinsecamente, tornam-se indissociáveis da experiência humana local, ao mesmo tempo em que desenham,

sobre um pano de fundo cultural, os contornos das práticas sociais e das expectativas compartilhadas.

As histórias e crenças, nesse contexto, evoluem não como meros relatos isolados, mas como componentes intrínsecos da cultura, que, simultaneamente, são influenciados e influenciam as dinâmicas sociais e as visões de mundo daqueles que os acolhem. Conduzindo-nos por uma trilha onde o conhecido e o desconhecido coabitam, as lendas e os mitos lançam luz sobre as profundezas da psique humana e as complexidades das sociedades que as abrigam e, por meio delas, narram-se a si mesmas, entrelaçando-se em uma teia sem fim de contar e recontar, de experienciar e reinterpretar.

O fascínio humano pelo sobrenatural permanece uma constante, a despeito da evolução do conhecimento e da tecnologia. Uma tendência persistente entre os seres humanos é a de perpetuar a nutrição mental com reflexões e formulações, que, eventualmente, desembocam na construção e solidificação de novas crenças e sistemas de fé. As propostas de crença, emergindo do íntimo do entendimento humano, oferecem uma sustentação vital à forma como o imponderável e o incomum são concebidos, ancorando essas percepções nas experiências e realidades mais concretas e tangíveis de sua existência quotidiana.

Dentro do amplo e misterioso domínio do sobrenatural, uma conexão vital e, muitas vezes explorada, é aquela que se estabelece entre o homem e a natureza. A natureza, em sua imensidão e diversidade, serve como um vasto pano de fundo no qual se projetam os temores, esperanças e indagações mais profundas da alma humana.

Conforme Mircea Eliade (1992) articula, a natureza torna-se um objeto de fascínio para o homem crente, principalmente devido à sua capacidade de encerrar em si uma multiplicidade de significados e simbolismos, muitos dos quais se alinham com o inexplorado e o desconhecido. Esse aspecto multifacetado da natureza proporciona um terreno fértil para a imaginação e a crença, permitindo que se navegue por meio dos variados e, muitas vezes, misteriosos caminhos, que conjugam o palpável e o impalpável, fornecendo um

cenário em que o visível e o invisível podem coexistir e dialogar em eterno intercâmbio de mistério e descoberta.

Silva (2009) pontua que o encantamento do indivíduo religioso pela natureza é fundamentado pela manifestação de características religiosas intrínsecas nesse ambiente, o qual guarda as suas raízes afixadas em um passado longínquo e transcendental. Portanto, a sacralidade concedida ao mundo natural, que abrange tanto a flora quanto a fauna, atravessou a consciência humana, criando uma dualidade de sentimentos – mescla de apreço e terror, curiosidade e receio – ao ponto de transfigurar essas zonas naturais em reinos místicos e sagrados.

Essa crença, ancorada na existência de um mundo natural, onde seres sobrenaturais habitam e exercem seu poder, impulsionou muitos indivíduos a adotarem uma série de precauções e protocolos comportamentais. Essa consciência reverencial e temerosa levou as pessoas a evitarem movimentar-se por meio de regiões densamente vegetadas, ou andarem com cautela para atravessar locais concebidos como assombrados ou espiritualmente carregados, como no estudo de caso, a estrada em que a jovem aparece para assustar os motoristas.

A lenda da Noiva da Curva de Ivatuba-PR

No ano de 2005, o historiador Renato Augusto Carneiro Junior trouxe à luz a sua publicação intitulada *Lendas e contos populares do Paraná*. Essa obra, que contou com o respaldo da Secretaria de Educação do Paraná, serve como um compilado, no qual Carneiro Junior desvela narrativas fantásticas que permeiam o estado, proporcionando aos leitores uma viagem por contos e mitos, que têm sido transmitidos através das gerações na região.

Somente na obra, a história de uma noiva que aterroriza os motoristas na estrada devido à sua morte trágica, é narrada mais de 20 vezes. Muda-se o espaço, mas os personagens e o intuito são os mesmos. Vejamos os exemplos na cidade de Arapoti:

Há muitos anos, na estrada que liga o km 39 à fábrica de papel, uma noiva e seus convidados viajavam em um caminhão, para a celebração do casamento, que se realizaria na capela do vilarejo. Em um declive, a mais ou menos 2 Km do local da celebração, o motorista do caminhão perdeu o controle dos freios, chocando-se contra um pinheiro. O motorista e alguns convidados ficaram feridos, mas a noiva morreu no local. Até hoje, muitas pessoas que passam pela estrada em noites enluaradas dizem que ao lado do pinheiro aparece uma noiva, pedindo que alguém lhe ofereça uma carona até a capela (Carneiro Junior, 2005, p. 69).

E como a mesma situação desvela-se na cidade de Bom Sucesso:

Antigamente existia uma capela no alto de uma chapada, na cidade de Bom Sucesso. Conta a lenda que a capela foi construída em homenagem a uma moça que estaria noiva, porém, dias antes do seu casamento, seu noivo faleceu. Diz a lenda que ela ficou transtornada com a notícia, vestiu seu vestido de noiva e saiu pela mata adentro, sendo, então, atacada por uma onça, que a matou e levou o corpo para essa chapada. Muito tempo passou e essa capela foi destruída por um incêndio, causado por uma usina de álcool. Dizem que após a queima da capela, uma moça vestida de noiva começou a assombrar os motoristas e tratoristas, que naquela área, à noite, trabalham. Tal lenda ficou tão arraigada, que a usina construiu outra capela no mesmo local onde a primeira foi destruída (Carneiro Junior, 2005, p. 74).

A mesma lenda da nubente que morre de forma trágica antes do casamento é mencionada, também, no imaginário popular da cidade de Ipiranga:

Na estrada de Lustosa aparece, à meia-noite, uma mulher bonita vestida de noiva, com dinheiro ao seu lado. Conta a lenda que quando essa mulher ia se casar guardou muito dinheiro, mas no dia do casamento morreu misteriosamente. Agora, quem estiver passando pela estrada onde essa noiva aparece e com coragem de aproximar-se dela, pedindo-a em casamento, ganhará o dinheiro que está a seu lado (Carneiro Junior, 2005, p. 83).

Em Palmeira, de acordo com Carneiro Junior (2005), a “Noiva de Branco” aparece para motoristas que cruzam determinados trechos da estrada. O espírito da jovem, cuja vida foi tragicamente interrompida antes do casamento,

surge como uma figura pálida e melancólica, lembrando o trágico destino que a impediu de realizar os seus planos matrimoniais.

Além dessas narrativas, histórias semelhantes são contadas em Santo Antônio do Sudoeste e São José dos Pinhais, reforçando a presença desse arquétipo de noiva espectral no imaginário coletivo paranaense. A lenda do *Velório da Virgem Noiva*, em São José dos Pinhais, é um dos relatos mais marcantes do imaginário local, envolvendo uma mulher cujo destino foi interrompido, tragicamente, antes de seu casamento. Segundo a narrativa, uma jovem que estava prestes a se casar faleceu, subitamente, levando a sua família a vesti-la com o seu vestido branco para o velório. Durante a cerimônia fúnebre, um evento inexplicável ocorreu: relatos afirmam que, em determinado momento, que ela abriu os olhos e sorriu, deixando os presentes aterrorizados. Após o enterro, testemunhas dizem que o seu espírito continuou a vagar pelos arredores, especialmente nas noites de neblina, aparecendo para viajantes e motoristas que passam pela região. O episódio, impregnado de elementos místicos e de forte carga emocional, reforça a crença de que a sua alma nunca encontrou descanso, transformando-se em uma presença constante no imaginário popular de São José dos Pinhais (Carneiro Junior, 2005)

A lenda da *Curva da Noiva* não se restringe ao município de Ivatuba, sendo também encontrada em outras localidades do Paraná, como aponta Carneiro Junior (2005). Um exemplo significativo dessa recorrência é a narrativa registrada na cidade de Colombo, onde a denominada *Curva da Noiva* consolidou-se como um local associado ao mistério e ao temor popular. De acordo com os relatos, há décadas, uma jovem que seguia a caminho da igreja para o seu casamento sofreu um trágico acidente ao passar por uma curva na rua João Batista Stoco. O veículo que a transportava – uma carroça – teria perdido o controle e tombado sobre o seu corpo, deixando-a gravemente ferida. O noivo, ao ser informado da tragédia, dirigiu-se, desesperadamente, ao local do acidente, mas chegou tarde demais, encontrando a sua amada já sem vida. Desde então, diversos moradores e motoristas afirmam ter testemunhado a aparição de uma

mulher trajando um vestido branco, perambulando pela região como se estivesse em busca de seu noivo.

A comparação entre a lenda de Ivatuba e Colombo revelam nuances importantes sobre a maneira como o imaginário coletivo molda narrativas semelhantes a partir de diferentes contextos históricos e culturais. Embora ambas compartilhem a temática central de uma noiva que morre, de modo trágico, antes do casamento e retorna como uma aparição espectral, há diferenças significativas nos elementos narrativos, nas representações simbólicas e nas funções sociais que essas lendas desempenham em suas respectivas comunidades.

Na lenda de Ivatuba, o foco da tragédia está na fatalidade inesperada durante um cortejo de casamento, quando a noiva teve o seu véu preso na roda do trator que a transportava, sendo puxada violentamente para a morte. O caráter acidental do evento confere à narrativa um tom de infortúnio e destino interrompido, sem a presença de um elemento externo que pudesse ser responsabilizado pelo ocorrido. Sua figura espectral é, comumente, interpretada como um espírito errante que busca completar o percurso interrompido, simbolizando o luto não resolvido e o apego a uma promessa não cumprida. Motoristas que trafegam pela estrada relatam encontros com a noiva à beira da via, especialmente em noites de neblina, reforçando a associação da lenda com o medo do desconhecido e com a imprevisibilidade da estrada como um espaço liminar entre a vida e a morte. Além disso, a lenda insere-se no contexto cultural de Ivatuba como um elemento que reforça a memória coletiva da cidade, sendo lembrada em eventos locais e até mesmo tematizada em celebrações como o Halloween em escolas da região.

Já a lenda da *Curva da Noiva* de Colombo tem uma construção um pouco diferente. Nesse caso, a tragédia ocorre antes mesmo do casamento, com a noiva sofrendo um acidente de carroça a poucos quilômetros da igreja onde o noivo a esperava. A narrativa traz um elemento de suspense e frustração ainda mais forte, pois o noivo chega ao local tarde demais para salvar a sua amada, intensificando a tragédia com um aspecto de desespero e impotência. A ideia de que a noiva ainda perambula pela curva em busca do noivo insere um aspecto

mais diretamente emocional e romântico à história, diferindo da noiva de Ivatuba, que parece mais focada em refazer o seu trajeto final. Em Colombo, a narrativa enfatiza o amor trágico, o reencontro impossível e o peso da ausência, alinhando-se a um padrão de lendas de aparições femininas associadas à espera e à busca incessante por algo ou alguém perdido.

Outro ponto de distinção é a relação dessas lendas com o espaço físico e a sua apropriação pela comunidade. Em Ivatuba, a estrada na qual a noiva teria morrido tornou-se um marco local e um espaço que influencia comportamentos, com motoristas evitando passar sozinhos pelo local à noite. A persistência do relato demonstra a maneira como a memória coletiva reforça essa narrativa, transformando o espaço em um lugar de assombração reconhecido. Em Colombo, a lenda ressignificou, ainda, a paisagem urbana, tornando a curva um ponto de referência local, mas com um viés diferente. O aspecto geográfico da “curva” ganha protagonismo na história, funcionando como um limite simbólico entre o mundo dos vivos e o território da noiva espectral, que continua a sua busca pelo noivo.

Essas diferenças evidenciam como as lendas urbanas e rurais não são apenas variações de um mesmo tema, mas sim narrativas moldadas pelas particularidades das comunidades que as sustentam. A *Noiva da Curva* de Ivatuba reforça a ideia de um destino interrompido e do perigo associado às estradas, enquanto a *Curva da Noiva* de Colombo enfatiza o luto, o amor e a desesperança de um reencontro impossível. Ambas, no entanto, compartilham o poder de estruturar o imaginário local, fortalecer a identidade comunitária e funcionar como um espelho dos medos e crenças de suas respectivas populações.

No ano de 2008, o grupo Folk Comunicação produziu um documentário sobre a lenda da Curva da Noiva de Ivatuba. Os produtores entrevistaram moradores da região e alguns chegaram a mencionar que conheceram a mulher que morreu tragicamente. O vídeo, além de mostrar os depoimentos de alguns moradores que acreditam na história, em outros momentos apresenta relatos de munícipes que teriam medo da “entidade”.

Para Gertrudes Nodari³, o incidente teria ocorrido na década de 1960. A entrevista, ainda muito menina, lembra que a tragédia “marcou” a cidade. “Foi muito triste, eu era muito pequena, mas meus pais disseram que ela se chamava Sonia e morreu de forma trágica e até hoje ela aparece na curva pedindo carona para levar ela para o casamento”⁴.

Rosângela Mori (2023)⁵ menciona que a “[...] a história é muito popular e que os acidentes acontecem direto, muitas pessoas já morreram nessa curva da noiva”. Podemos relacionar o número de acidentes citado pela entrevistada pelo fato da curva ser bem íngreme e com pouca sinalização. A lenda, como tanto outras, embora se situem nas bordas da realidade factual, são indiscutivelmente reais em seu impacto sociocultural e no modo como permeiam e, por vezes, moldam percepções e compreensões de mundo.

E, nesse vasto campo do imaginário popular brasileiro, a história examinada destaca-se como uma representação rica e multifacetada de nossas crenças, medos e da forma como lidamos com o inexplicável e o sobrenatural. Embora o espectro de uma noiva angustiada, e eternamente presa à cena de sua trágica morte, seja um elemento comum em diversas culturas, a sua manifestação nas estradas brasileiras carrega consigo particularidades enraizadas em nossas vivências e contextos sociais específicos.

O conto, em suas variadas versões, geralmente, circunscreve-se em torno de uma jovem mulher, trajada com o seu vestido de casamento, que aparece em estradas, principalmente à noite, proporcionando aos motoristas não apenas um encontro inusitado com o sobrenatural, mas uma experiência que, por muitas

³ Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2023, na cidade de Ivatuba, tendo 15 minutos de duração.

⁴ A metodologia utilizada neste artigo baseia-se na abordagem da história oral, conforme preconizada por Verena Alberti (2004) em seu *Manual de História Oral*. A escolha dessa metodologia se justifica pelo papel central da oralidade na constituição e disseminação da lenda da “Curva da Noiva” em Ivatuba-PR. Como Alberti destaca, a história oral permite a recuperação de memórias individuais e coletivas, promovendo uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais e culturais que sustentam determinados relatos populares. A lenda da noiva espectral não apenas se perpetua por meio de relatos transmitidos entre gerações, mas também se reconfigura em função das experiências e interpretações daqueles que a narram, tornando-se um objeto de estudo ideal para a aplicação dessa metodologia.

⁵ Entrevista realizada no dia 06 de maio de 2023, na cidade de Ivatuba, tendo 20 minutos de duração.

vezes, oscila entre a compaixão, o temor e o insólito. A jovem, como nos conta a lenda, está, em geral, à procura de auxílio, talvez em uma tentativa de chegar ao casamento que nunca se realizou, ou, em outras versões, procurando justiça para uma morte prematura e violenta.

Sonia Alves (2023)⁶ conta que “a noiva aparece porque ela precisa de ajuda, ela não desencarnou, por isso ela quer uma carona na garupa do motorista”. A fala da ivatubense reforça a centralidade da oralidade na construção e na perpetuação da lenda da “Curva da Noiva”, destacando um dos aspectos fundamentais da história oral: a interpretação subjetiva do narrador e o modo como essa interpretação reflete concepções culturais mais amplas. Ao afirmar que “[...] a noiva aparece porque precisa de ajuda, ela não desencarnou, por isso quer uma carona na garupa do motorista”, Sônia atribui à figura espectral um caráter de sofrimento e busca por resolução, elementos recorrentes em narrativas populares de assombração. Seguindo a perspectiva de Verena Alberti (2004), os relatos orais não somente registram eventos passados, mas revelam os valores, as angústias e as crenças que estruturam o imaginário coletivo de uma determinada comunidade.

A lenda, mais do que um simples conto para provocar medo, pode ser interpretada como uma manifestação das memórias coletivas e das inquietações humanas diante de temas universais, como a morte, o luto e o desconhecido. Como aponta Maurice Halbwachs, a memória coletiva é socialmente construída e transmitida dentro de determinados quadros de referência, sendo continuamente ressignificada à medida que diferentes gerações recontam e reinterpretam uma mesma história. Nesse sentido, o relato de Sônia insere-se em uma tradição em que as assombrações femininas são frequentemente retratadas como figuras que habitam um estado liminar entre a vida e a morte, vagando pelo mundo dos vivos em busca de fechamento para suas histórias inacabadas.

Além disso, a atribuição de um papel passivo e sofredor à mulher reforça um padrão simbólico presente no imaginário popular e na literatura

⁶ Entrevista realizada no dia 05 de maio de 2023, na cidade de Ivatuba, tendo 30 minutos de duração.

ocidental, em que figuras femininas são, frequentemente, associadas à dor, ao abandono e à espera por redenção. Gilbert Durand, em sua teoria do imaginário, identifica essas representações como parte do “regime noturno do imaginário”, no qual imagens da vulnerabilidade e do mistério exercem um papel central na construção de mitos e lendas. *A Noiva da Curva*, portanto, não é apenas um reflexo do medo do sobrenatural, mas um espelho das concepções sociais sobre a morte, o feminino e o destino interrompido.

A metodologia da história oral, ao captar essas camadas de significado por meio dos depoimentos individuais, permite compreender como essas narrativas se moldam à experiência e à subjetividade de quem as conta. A fala de Sônia Alves não só mantém viva a lenda, mas revela a maneira como a comunidade de Ivatuba dá sentido ao fenômeno, reinterpretando a aparição da donzela de acordo com suas próprias crenças e experiências de vida. Do mesmo modo, a história oral mostra-se uma ferramenta essencial para investigar não apenas os conteúdos das narrativas, mas os modos pelos quais a memória coletiva e o imaginário popular entrelaçam-se para dar forma a tradições culturais que atravessam gerações.

É vital compreender que lendas urbanas, tais como a que exploramos aqui, não são apenas fragmentos isolados de entretenimento ou contos de assombração, mas, sim, revelam aspectos fundamentais sobre quem somos, como vemos o mundo e como processamos as nossas próprias experiências vitais. A noiva torna-se uma protagonista no palco em que se dramatizam ansiedades coletivas e individuais, convergindo-se, em última instância, em uma lente por meio da qual podemos vislumbrar aspectos fundamentais de nossa sociedade.

Se olharmos a “Noiva da Estrada” sob uma lente sociológica e feminista, por exemplo, poderíamos explorar como a figura da mulher é representada e como as questões de gênero são encenadas e perpetuadas dentro deste mito. A figura da feminina, frequentemente, passiva e vítima, coloca questões substanciais sobre como percebemos, representamos e negociamos os papéis de gênero dentro de nosso contexto cultural. Ela simboliza, em sua busca incessante e trágica, os papéis tradicionalmente conferidos às mulheres? Ou ela

subverte, em sua autonomia espectral e na assertividade de sua presença etérea, as normativas de gênero estabelecidas?

Ademais, ao explorar a lenda sob o prisma psicológico, podemos indagar sobre as projeções de nossos medos, ansiedades e, inclusive, os nossos anseios no espectro da noiva. Essa história é repleta de perdas, buscas e um inegável anseio por resolução ou até mesmo vingança. Simultaneamente, ela também se apresenta como um alerta, uma advertência às ações imprudentes e às consequências de se envolver com o desconhecido e o inexplicável.

Essa perspectiva permite-nos desvelar uma multiplicidade de caminhos e encruzilhadas interpretativas que não só enriquecem a nossa compreensão do mito em si, mas, talvez mais crucialmente, fornecem-nos uma janela valiosa para a compreensão das estruturas, medos e desejos que moldam nossa sociedade.

A trajetória proposta não se esquivava da complexidade e da multiplicidade de interpretações possíveis, pelo contrário, saudamos essas diversas visões como cruciais para uma análise profunda e compreensiva. A lenda permanece, em muitas de suas facetas, um enigma envolto em mistério e beleza trágica, e é, precisamente, essa natureza elusiva e multifacetada que proporciona um terreno fértil para uma exploração histórica e cultural tão fascinante e reveladora, como podemos observar no depoimento da moradora de Ivatuba, Rosangela Mori (2023)⁷: “É uma história muito triste, porque coitada ela ia se casar, e aí o véu enroscou no trator e ela morreu, imagina com a festa toda, igreja arrumada e uma tragédia dessa, o povo fala que é lenda, mas muita gente já viu ela na estrada pedindo carona”.

Mesmo diante de algumas divergências perceptíveis nos testemunhos relacionados à lenda em questão, tais como discrepâncias acerca da *causa mortis* ou de variações temporais referentes ao momento dos acontecimentos, bem como certa confusão quanto a nomes específicos e datas pertinentes, os elementos

⁷ Entrevista realizada, no dia 06 de maio de 2023, na cidade de Ivatuba, com 20 minutos de duração.

concordantes – a localização, os personagens envolvidos e um certo temor diante da figura central da narrativa – endossam o evento fundador.

Esse fenômeno sugere uma complexidade na maneira como as histórias são transmitidas, adaptadas e, por fim, sedimentadas na memória comunitária, demonstrando que, além dos fatos objetivos, as lendas carregam consigo as emoções, os valores e as perspectivas dos que as narram e ouvem, transformando-se, em uma rede que, de certa forma, definem a identidade e a cultura da comunidade. Essa dinâmica revela a importância de se analisarem as lendas não apenas como relatos, mas como veículos de transmissão de valores e sentimentos compartilhados entre os membros da comunidade.

O personagem que emerge como uma figura singular é composto por atributos que firmam a sua tangibilidade na narrativa, atuando, ainda, como um eixo central que consolida e perpetua o medo na lenda. O quadro no qual a personagem é construída, embora contenha símbolos proeminentes como a estrada e o campo, a lavoura, o trator, destaca a donzela como a entidade vital que dá origem e direcionamento às narrativas, simbolizando o espaço que ela ocupa e onde as suas ações se desenrolam.

É essencial ressaltar que a figura da Noiva é apresentada de maneira pulsante e dinâmica, o que resulta nas suas aparições multifacetadas, demonstrando, assim, uma versatilidade nas maneiras com que se manifesta e permeia as histórias. Essa versatilidade proporciona diferentes reações por parte daqueles que a encontram ou partilham as suas histórias, ocasionando sentimentos como pavor, temor, medo e, até mesmo, fascínio macabro.

Esse conjunto de emoções, além de amplificar o impacto da entidade na cultura local, ajuda a formar uma lenda que é, simultaneamente, arrepiante e magnética, capturando a imaginação de quem ouve e conta as histórias. Essa complexidade da personagem e a ampla gama de sentimentos evocados fornecem um terreno fértil para a perpetuação da lenda, dando lugar a novas interpretações e recontagens, que, por sua vez, adicionam novas camadas de significado à narrativa já existente, enriquecendo e perpetuando, desse modo, a lenda no imaginário coletivo da comunidade.

A figura da *Noiva da Curva*, como tantas outras representações do imaginário popular, corrobora uma série de questões, uma vez que esses mitos persistem, resistindo ao avanço do ceticismo e da tecnologia. A sobrevivência dessas lendas urbanas, em um contexto globalizado e digitalizado, assinala uma necessidade intrínseca no sentido de manter vívidas essas narrativas, que, embora transitem pela esfera do fantástico, respondem a dilemas, ansiedades e questionamentos profundamente reais e humanos.

A noiva perpetua-se nos relatos de motoristas, viajantes e aventureiros, nos fóruns online e nos vídeos de plataformas digitais, como o produzido pela equipe do Folk Comunicação, indicando que, além de uma simples história assustadora, essa narrativa oferece algo que se entrelaça com a essência da experiência humana.

Conclusão

A lenda da *Noiva da Curva*, mais do que um simples relato de assombração, revela-se como um elemento fundamental da memória coletiva e do imaginário popular de Ivatuba e do Paraná. A sua permanência ao longo do tempo demonstra como as narrativas do sobrenatural desempenham um papel ativo na construção das identidades culturais e sociais, reforçando laços comunitários, modulando normas de comportamento e perpetuando crenças que dialogam com medos e anseios universais. Como observado ao longo deste estudo, essas histórias ultrapassam a dimensão de resquícios do passado, sendo, constantemente, ressignificadas, adaptadas e expandidas segundo os contextos históricos e sociais em que circulam.

Por meio da análise da lenda da *Noiva da Curva*, pudemos perceber como a memória coletiva opera na seleção e na perpetuação de determinados eventos e figuras simbólicas, enquanto o imaginário coletivo fornece os arquétipos e os códigos culturais que conferem sentido a essas narrativas. Como destacou Maurice Halbwachs (1990), a memória não se constitui como um repositório estático, mas um processo dinâmico e socialmente construído. Nesse

âmbito, a lenda da *Noiva da Curva* não é um elemento fixo, mas um fenômeno em constante transformação, refletindo as mudanças nas sensibilidades culturais, nas estruturas de crença e, até mesmo, nas tecnologias de transmissão do conhecimento.

Além disso, o imaginário popular, conforme teorizado por Gilbert Durand (2001), estrutura-se a partir de representações simbólicas recorrentes, em que figuras como a noiva espectral representam não somente o luto e a morte prematura, mas temas mais profundos, como a injustiça, o abandono e a vulnerabilidade feminina. A recorrência desse arquétipo em diversas culturas e a sua forte presença no folclore paranaense indicam que, para além de uma história local, a *Noiva da Curva* insere-se em um amplo repertório de mitos e lendas que transcendem fronteiras geográficas e temporais.

A pesquisa demonstrou, ainda, que essa narrativa não permanece apenas no campo da oralidade. A lenda está presente nas práticas cotidianas dos moradores de Ivatuba, influenciando hábitos, trajetos e percepções sobre o espaço urbano e rural. Como evidenciado pelos depoimentos coletados, motoristas evitam passar pela curva sozinhos à noite, especialmente em momentos de neblina, e a lenda já foi tema de apresentações em escolas e festividades locais, tornando-se um elemento ativo na cultura comunitária. Esses exemplos ilustram a maneira pela qual o sobrenatural é incorporado na experiência vivida, conferindo materialidade ao que, à primeira vista, poderia ser apenas uma história fantástica.

O papel do historiador, nessa análise, vai além de mero observador ou crítico; é também de um narrador que busca compreender e, quando possível, traduzir os complexos simbolismos e significados que emergem dessas lendas. A *Noiva da Curva*, enquanto entidade intangível e lenda urbana, oferece uma entrada para um universo que transcende a história factual, conectando-se diretamente com a história vivida, sentida e temida por aqueles que compartilham seus relatos e experiências, como pudemos observar nos depoimentos dos moradores de Ivatuba. O impacto cultural, psicológico e, até mesmo, sociopolítico dessas histórias torna-se um fértil campo de investigação,

não somente revelando aspectos sobre a lenda em si, mas, igualmente, acerca de indivíduos e sociedades que a mantêm viva.

Desse modo, ao nos depararmos com a figura da noiva à beira da estrada, somos compelidos a enxergar além de sua aparência espectral e vislumbrar os ecos de uma coletividade que busca, nas sombras do sobrenatural, respostas para as angústias que permeiam a existência humana. As nossas viagens pelas vias dessa análise histórica e cultural não visam desmistificar ou explicar, racionalmente, o fenômeno, mas sim compreender como a lenda se entrelaça com a sociedade que a narra e a ouve, de forma a propiciar um entendimento mais profundo sobre as nossas narrativas coletivas, medos universais e, por fim, sobre os labirintos de nossa própria humanidade.

Ao longo dessa investigação, foi possível observar que lendas como essa não se restringem ao universo do folclore, mas desempenham funções essenciais na sociedade. Tais relatos servem como mecanismos de socialização, estabelecem fronteiras entre o sagrado e o profano, reforçam normas culturais e, muitas vezes, operam como narrativas de resistência contra esquecimentos e apagamentos históricos. No caso da *Noiva da Curva*, a sua persistência demonstra a força das narrativas populares na construção das identidades locais, operando como uma espécie de patrimônio imaterial que conecta diferentes gerações.

Diante disso, fica evidente que o estudo das lendas urbanas e rurais não deve ser relegado ao campo do entretenimento ou da superstição, mas tratado como uma janela para compreender as dinâmicas culturais, as crenças e os valores de uma sociedade. A *Noiva da Curva* não é apenas uma história de assombração: é um reflexo das angústias humanas, das relações entre memória e espaço e das maneiras pelas quais as sociedades negociam a sua relação com o desconhecido e o inexplicável.

A investigação sobre a lenda continua – não como um percurso com um destino final claramente demarcado, mas como uma estrada aberta, cheia de possibilidades interpretativas e de descobertas que aguardam nos recônditos mais obscuros e misteriosos do imaginário popular. A história, como o próprio mito, nunca realmente termina, mas se desdobra, continuamente, em novas

narrativas, interpretações e entendimentos, que, ao serem explorados, revelam, cada vez mais, sobre o ser e o existir. Novas formas de oralidade e transmissão, como as redes sociais e os documentários digitais, ampliam ainda mais a permanência e a resignificação da lenda, garantindo que sua presença ultrapasse os limites do espaço físico e se insira no vasto território do imaginário contemporâneo.

Dessa forma, a *Noiva da Curva* segue como um enigma perene, assombrando as estradas e o imaginário dos que a conhecem. O seu olhar espectral não apenas ecoa o lamento de um destino interrompido, mas reflete, na névoa das noites paranaenses, as sombras e os desejos da própria humanidade. Se os relatos sobre a sua aparição continuarão a circular, transformando-se e se adaptando às novas gerações, uma coisa é certa: a lenda permanecerá viva, acompanhando os viajantes que ousam atravessar a curva e aqueles que, fascinados, seguem perpetuando a sua história.

Referências

Documento eletrônico

FOLK Comunicação: A noiva da curva de Ivatuba. 11 jul. 2008. 1 vídeo (9 min. 58 s.). Publicado pelo canal Junior Blader. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3tEGc52K62Y->. Acesso em: 14 maio 2023.

Entrevistas

NODARI, Gertrudes. *Entrevista 1*. [5 maio 2023]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Ivatuba, 2023. 1 arquivo .mp3 (15 min.)

ALVES, Sonia. *Entrevista 2*. [5 maio 2023]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Ivatuba, 2023. 1 arquivo .mp3 (30 min.)

MORI, Rosângela. *Entrevista 3*. [6 maio 2023]. Entrevistador: João Paulo Pacheco Rodrigues. Ivatuba, 2023. 1 arquivo .mp3 (20 min.)

Bibliografia

Alberti, Verena. *Manual de história oral*. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. *Lendas e contos populares do Paraná*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura; Departamento de Imprensa Oficial do Paraná, 2005.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.

DURAND, Gilbert. *Estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

PRIORE, Mary Del. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e Iberoamericano: séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RODRIGUES, J. P. P. Memórias consolidadas e silenciadas na revista Ivatuba Progresso Constante. *Ágora [UNISC online]*, v. 22, p. 106-120, 2020.

SILVA, Ed Carlos da. *Entre o maravilhoso e o fantástico: a Vila de Alto Palmital-PR e suas crenças*. 223 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

WILLIS, Roy (coord.). *Mitologias*. Trad. Thaís Costa e Luiz Roberto Mendes Gonçalves. São Paulo: Publifolha, 2007.